

Texto do firmes - para ser incluído nos documentos da Plena

Nunca antes na história capitalismo e morte revelaram ao conjunto da humanidade sua mais profunda intimidade. Diante da Covid-19 que adocece e mata milhares de seres humanos, o conjunto global da burguesia demonstra a falência histórica da sua forma de sociedade ao propor que em nome da ordem do capital, a desordem se torne regra.

Esse é o caso do Brasil. Vice-líder mundial em número de casos e mortes de Covid-19, nosso país se afunda dia após dia no caos generalizado. A crise sanitária, por aqui, se coaduna com o neoliberalismo, e, com isso, a quantidade de cidades sem leitos de UTIs para atender aos enfermos só aumenta devido ao sucateamento da saúde pública no Brasil.

Diante desse quadro, o governo federal cumpre sua tarefa de classe e coloca goela abaixo dos trabalhadores a solução do capital. Eles afirmam desavergonhadamente para o conjunto da nossa classe: “retornem ao trabalho, pois afinal um dia todos irão morrer”. Com objetivo de manter seus lucros em dia, o capital demonstra sua existência parasitária sugando todo nosso sangue, energia e vida.

Como trabalhadores, nós, servidores da Educação, sentimos a inumanidade do capital na pele. Ameaçando nossos empregos e fingindo-se de defensor dos educadores o governo Bolsonaro em conluio com os interesses da burguesia mundial agora nos impõe imperativamente o trabalho remoto e começa a declarar através dos seus meios de comunicação a necessidade do retorno às atividades presenciais/semi-presenciais. A pretensa solução que eles constroem para a Educação em tempos de pandemia é, na verdade, sua destruição.

Por um lado, destruição do nosso corpo e mente devido ao adoecimento provocado pelas exaustivas jornadas de trabalho remoto que vão muito além das 8h diárias, além, claro, do risco iminente de morte caso retornemos ao espaço físico de nossos campi sem ter a epidemia sob controle. Por outro lado, destruição das nossas instituições públicas de ensino que deixam de cumprir com sua missão em publicizar com excelência o conhecimento humanamente adquirido ao longo de milênios para os filhos mais empobrecidos da classe trabalhadora brasileira, pois, conforme sabemos, as atividades de ensino remotas são elitistas e deixam ao léu muitos dos nossos alunos oriundos de famílias de baixa renda que não possuem meios de acesso às aulas na Internet e/ou não possuem meios físicos adequados para acompanhar uma aula nesse formato. Ora, como exigir o aprendizado adequado de um discente quando, em um só cômodo, ele convive com toda sua família? Não percamos isso de vista: essa é a realidade cotidiana de milhares de nossos alunos. O ensino presencial como forma integradora e formadora de indivíduos socialmente emancipados jamais poderá ser substituído por qualquer forma de ensino remoto. As consequências nas dimensões humanas, sociais e econômicas vão muito além do que o Governo Bolsonaro quer mostrar para a sociedade ao propor sorrateiramente a troca de um modelo por outro. Trocar o ensino presencial para o remoto ou híbrido implica também:

- 1 - Falta de assistência social e psicológica aos estudantes;
 - 2 - Retirada da alimentação escolar;
 - 3 - Aumento da evasão e dos índices de reprovação;
 - 4 - Retirada da socialização como componente humano da formação do indivíduo;
 - 5 - Pais que trabalham não ter com quem deixar seus filhos;
 - 6 - Aumento da violência doméstica;
 - 7 - Aumento dos índices de gravidez na adolescência;
- ... Dentre outros!

O Firmes na luta defende de somente voltar ao trabalho presencial com aulas e outras atividades pedagógicas quando de fato tivermos segurança contra uma segunda onda

de contaminação de COVID19 em nossas escolas, universidades e institutos. Tal segurança seria adequada quando tivesse disponível vacina com comprovada eficiência para todos os brasileiros distribuída gratuitamente pelo SUS. Minimamente precisaríamos ter curvas descendente de óbitos e números de casos além de protocolos de biossegurança reconhecidos mundialmente para se estabelecer um retorno gradativo e avaliativo das atividades presenciais.

Trocar o ensino presencial pelo remoto ou híbrido também não é uma opção para o conjunto da classe trabalhadora que necessita de uma educação emancipatória e com todas as nuances que envolve a prática do ensino presencial. Apontamos também para uma urgente necessidade do Governo Federal adotar novas políticas sociais emergenciais que minimizem os efeitos hiperdanosos das crianças e adolescentes estudantes fora da escola enquanto não se tem segurança às suas vidas para voltar presencialmente.

Diante do exposto, em defesa de nossas vidas e da Educação, o Firmes defende:

1. Greve imediata caso ocorra retorno presencial ou semi-presencial das aulas sem termos controlado a propagação da COVID19, o número de novos casos e óbitos ou sem que haja vacina comprovadamente eficaz contra a Covid-19 distribuída pelo SUS para todos.
2. Indicativo de greve contra o trabalho e ensino remotos e pela suspensão nacional do calendário acadêmico.